

## Práticas pedagógicas de leitura literária e leitura de poesia

**Resumo:** Este trabalho é também uma reflexão sobre o ensino de leitura literária e de leitura de poemas, tem por objetivo a discussão sobre a questão da leitura ou sua ausência de poemas em sala de aula. Perguntas como: por que estudantes não leem poemas, não declamam poemas, fazem em mim essa provocação. A partir de experiência de sala de aula e de estudiosos como Antonio Candido, Alfredo Bosi, Roland Barthes, Jauss, Sophia Andressen, proponho discutir caminhos para o ensino da leitura literária e da leitura de poemas em sala de aula na educação básica.

**Palavras-chave:** leitura literária; poesia; declamação.

### Reflexões sobre o ensino da leitura literária e a leitura de poesia

Segundo Antonio Candido (1995), em *Direito à Literatura*, ninguém pode passar vinte e quatro horas sem mergulhar no universo da ficção e da poesia<sup>1</sup> (CANDIDO, 1995, p. 177). Esta ideia, a transformei em pergunta para os muitos dos projetos de leitura literária e leitura de poesia na área em que atuava: a educação básica. Como podem estudantes passarem tanto tempo dentro da escola e fora dela sem ler um romance ou um poema? E, se é uma necessidade universal o mergulho no universo da ficção e da poesia, quais são os recursos didáticos, na sala de aula, que poderão levar os estudantes a este mergulho maravilhoso?

Em *Vários Escritos* (2011), o ensaio *O Direito à Literatura* (2011) me provocou à reflexão sobre o ensino de poesia e sobre o meu fazer pedagógico durante o tempo que estive em sala de aula ou enquanto fui coordenador de língua portuguesa em diversos momentos de minha vida profissional. Na verdade, tais reflexões são fruto das inquietudes no que tange ao espaço que a leitura de poemas perdeu nas salas de aulas desde que implantados foram os livros didáticos, verdadeiros manuais para muitos dos meus colegas professores. Essas questões me fizeram compreender que em todas as minhas aulas ou atividades, deveria investir corajosamente na luta pelo ensino da leitura literária e, de modo muito especial, para a leitura de poemas sob a perspectiva

Jorge Manoel Venâncio

VENÂNCIO, J.M. Práticas pedagógicas de leitura literária e leitura de poesia. In: Jornada de Linguagens, Tecnologia e Ensino, 2, 2019. Timóteo. **Atas da [...]**. Timóteo: CEFET-MG, 2019, p. 71-80. Disponível em: <http://www.lite.cefetmg.br/publicacoes/atas-2a-lite>. Acesso em: ...

---

<sup>1</sup> Antonio Candido traz a seguinte passagem: “Ora, se ninguém pode passar vinte e quatro horas sem mergulhar no universo da ficção e da poesia, a literatura concebida no sentido amplo a que me referi parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito.” Neste ensaio, Antonio Candido aponta que a literatura tem de ser vista como um direito básico do ser humano. O autor, convidado a discorrer sobre “Direitos humanos e literatura”, optou por “fazer algumas reflexões prévias a respeito dos próprios direitos humanos” antes de discorrer sobre “O direito à literatura”.

do direito a aprender a ler poemas ver o leitor como foco principal. E principalmente, conhecer os elementos que compõem o poema, como a imagem da palavra e a analogia (BOSI, 1936).

Desta forma, a prática e minhas leituras teóricas levaram-me a optar por trabalhar com recursos como rodas de conversas mediadas, valorizando a experiência de leitura que os estudantes apresentavam e, enquanto professor, provocava-os às outras possibilidades de leituras. Geralmente, o processo avaliativo começava ali, durante as aulas. Antes da roda de conversa, eu preparava a leitura de uma passagem de um livro e ou de um poema que estava sendo lido por eles e logo tecia comentários sobre o mesmo. A intenção sempre era provocar e despertar a leitura. Dificuldades de leituras? Estudantes que escolhiam os tais de livros “finos”? Claro que havia! A questão era como buscar destes estudantes o que eles poderiam me oferecer como leitura, para que eu também pudesse oferecer a eles a oportunidade de viajar por outros universos da ficção e da poesia. Estas reflexões tiveram como pressuposto teórico as minhas leituras de Jauss sobre a estética da recepção. Jauss coloca o leitor e a leitura como elementos privilegiados na literatura, e o livro *Na sala de aula*<sup>2</sup>, em que Candido nos sugere maneiras possíveis de trabalhar o poema. Desta forma, partíamos de comentários até chegarmos às análises, usando inclusive do recurso da analogia.

Entendo também que dentro das minhas práticas pedagógicas, o hábito de contar histórias se fazia presente. Havia, pois, momentos ou horários de aulas em que o objetivo era contar histórias de acordo com o período de desenvolvimento que se encontravam os estudantes. Qualquer faixa etária gosta de ouvir histórias e interagir com a contação. Este procedimento didático auxilia também o desenvolvimento das habilidades auditivas e perceptivas, desenvolve a sensibilidade dos estudantes. Confesso que já contei histórias de Guimarães Rosa, de Machado de Assis, declamei poemas de Gonçalves Dias, Camões, Fernando Pessoa, Manuel Bandeira, Cora Coralina, Mário Quintana, Vinícius de Moraes Castro Alves, Olavo Bilac, Cláudio Manuel da Costa, Tomás Antonio Gonzaga e outros, para os estudantes da Educação Básica. Era perceptível a atenção dos estudantes ao ouvir um soneto de Vinicius de Moraes, um poema, como Navio Negreiro, de Castro Alves, ou Trem de Ferro, de Manuel Bandeira, como Branca de Neve e seus sete anões, compilado pelos Irmãos Grimm. E os poemas de Cora Coralina!!! E foi uma experiência muito boa! O material teórico que muito contribuiu, e foi realmente suporte para a fundamentação deste trabalho, foram os pesquisadores e teóricos como Magda Soares, Angela Klein (*Texto e leitor*), Regina Zilberman, posteriormente, já na vida acadêmica do mestrado me foram apresentados teóricos contemporâneos que proporcionaram-me aumentar meus conhecimentos e pesquisas no que tange à reflexão e aos estudos da Literatura e da leitura, especificamente, a literária e a leitura de poemas.

Sempre após essas partilhas de leituras, havia a discussão do tema, as tramas, o narrador, os personagens, o enredo, os versos, as estrofes, o eu lírico, o ritmo e a rima. Outras vezes seguiam-se a produção escrita de um texto. Normalmente, propunha uma resenha com a finalidade de escrever sobre a experiência de leitura daquele livro, daquele poema, o autor (enunciador) deveria saber o perfil do seu leitor. Outras vezes, propunha o texto lead em que o objetivo era chamar a atenção do leitor para a leitura daquela obra, apropriava-se assim

---

<sup>2</sup> O autor, convidado a discorrer sobre “Direitos humanos e literatura”, optou por “fazer algumas reflexões prévias a respeito dos próprios direitos humanos” antes de discorrer sobre “O direito à literatura”. o literário orienta que o estudo de um poema deve partir de um comentário sobre o texto colocando em relevância os elementos linguísticos e poéticos para depois iniciar os estudos analíticos. Talvez seja este “Caderno” um dos únicos elementos propriamente direcionado para a leitura de poemas.

do texto informativo e publicitário, momento em que na sala de aula ensinava e fazíamos resenhas sobre as leituras produzidas.

Entendo que o trabalho com a Literatura, destacando-se aqui a leitura de poemas, objeto deste texto, oportuniza a percepção dos valores do humanismo, da solidariedade e da formação do cidadão. Quanto aos recursos didáticos, tanto o quadro, o giz e o apagador são ferramentas importantes, como também os estudantes em círculo e ou em grupos compartilhando suas experiências de leitores, enquanto o professor se coloca na condição de um mediador, e de aprendiz também. Considero ainda que o uso de outras ferramentas técnicas, como o celular e os app's, são hoje recursos que, se bem dirigidos e mediados, contribuem sim para o interesse pela leitura das obras pouco consumidas. Lembrando-se sempre de que a leitura da palavra no texto deve sempre preceder à leitura virtual...

### **A leitura de poesia ou a leitura de poema?**

Quanto à leitura de poesia, algumas questões muito me inquietam, uma delas é a presença da poesia dentro da sala de aula, como já pontuei, sendo este um espaço comum para a convivência com os desejos, os sonhos e os sentimentos e principalmente da interlocução. Circula, na sala de aula, um texto poético em versos e estrofes preso aos manuais didáticos ou paradidáticos. Em grande parte, as atividades de leitura e de interpretação não abrem espaços para a leitura pessoal ou coletiva dos estudantes, ou então dá-se a exclusividade à leitura do mestre. Neste sentido, estudantes são apenas receptores, quanta preciosidade se perde no campo da leitura dos poemas! Exclui a vivência dos estudantes, exclui os sujeitos de exercerem seu direito à literatura (CANDIDO), como reverter esta realidade da presença da poesia nas escolas? O intertítulo nos evoca para uma breve reflexão sobre o sentido de poesia e de poema, ou seja, ao conceito de poesia e poema, segundo ANDRESSEN (1960).

A palavra poesia é usada em três sentidos: chamamos poesia à Poesia em si, independente do homem. Chamamos poesia à relação do homem com a Poesia do Universo. E chamamos poesia à linguagem da poesia, isto é, ao poema. (ANDRESSEN, 1960, p. 52)

Assim, aqui trataremos de leitura de poema considerando o que nos diz Andressen, a Poesia (destaque-se a letra P maiúscula pela autora), no sentido mais amplo trata-se da relação do homem com o seu espaço, tempo e natureza, enquanto que poema, e também o que nos diz Candido em *O Estudo analítico do poema*, o poema é a parte concreta da Poesia, ou seja, a linguagem, ou ainda a poesia como se manifesta no poema em versos metrificados ou em versos livres. Tal definição é necessária, pois tem-se a tendência de generalizar o conceito de poesia — com a letra inicial maiúscula ou minúscula — na definição de poema. Desta forma, entenderemos que Poesia pode ser também o conjunto poético de um poeta ou de uma sociedade e poema é o fazer poético, o trabalho com a linguagem. Feito este esclarecimento, cabe-me ainda esclarecer que o presente texto tem por sugestão o foco na leitura de poemas, sem, contudo, adentrar nas características de métricas ou rimas. Bosi (1977), em *O Ser e o Tempo da poesia* discorre sobre a imagem e o discurso, segundo este estudioso:

A Imagem pode ser retida e depois suscitada pela reminiscência ou pelo sonho. Com a retentiva começa a correr aquele processo de co-existência<sup>3</sup> de tempos que

---

<sup>3</sup> Esta palavra, de acordo com o Novo Acordo ortográfico, passou a ser grafada sem o hífen, portanto sua nova escrita é: *coexistência*. Aqui respeitamos a escrita da edição do livro *O Ser, o tempo e a poesia* (1977).

marca a ação da memória: o agora refaz o passado e convive com ele. (BOSI, 1977, p.12-13)

É necessário pensar como processamos os sentidos em nosso corpo, os olhos são os primeiros receptores do mundo em nossa volta, vemos primeiro para depois nomear objetos e seres, hoje não acontece dessa forma, pois a tecnologia digital criou formas superficiais e efêmeras para esta função. Mas houve épocas que tínhamos o sublime “poder” de ver, imaginar e escrever o como víamos e nomearmos o que víamos. Segundo Bosi, formada, a imagem busca aprisionar a alteridade estranha das coisas e dos homens. (BOSI, 1977, p. 15). Assim podemos relacionar o que nos diz Bosi ao que Andressen discorre sobre a relação entre o homem e a natureza denominando de Poesia com o P maiúsculo. Pode-se compreender que:

A vontade de prazer, o medo à dor, as redes de afeto que se tecem com os fios do desejo vão saturando a imaginação de um pesado lastro que garante a consistência e a persistência do produto, a imagem. (BOSI, 2000, p. 18)

Aí começamos a sugerir uma possível compreensão do que chamamos de função social da poesia, ou seja, do poema. Pelo processo do devaneio e da analogia, segundo Bosi, a imagem no poema é a palavra articulada, a palavra é uma cadeia sonora e matéria verbal que tece outros sons dentro do verso. Temos aqui, penso, esclarecido o conceito de poesia e poema e, até mesmo uma possível resposta sobre a função social do poema. Mas ainda podemos discutir um pouco mais quando ouvimos T. S. Eliot (1997, p. 15): a “função” está mais próxima do que nos fala Barthes: o seu texto tem que provar que me deseja. Segundo Eliot (1997), a função social essencial do poema é assegurar-se de que ele nos dê prazer. Assim podemos entender a proposta de Barthes de que o poema está no campo do sensível.

Essa exposição se faz necessária quando pensamos que, em sala de aula, a leitura em voz alta estimula os ouvintes estudantes à escuta do ritmo e outros elementos sonoros que o texto em verso exige e também desencadeia o sonho e o devaneio. Muitas vezes esse ritmo expressa o sentimento e a emoção do eu lírico presente no texto. Para ilustrar, apresento o Soneto de Separação de Vinicius de Moraes:

De repente do riso fez-se o pranto  
Silencioso e branco como a bruma  
E das bocas unidas fez-se a espuma  
E das mãos espalmadas fez-se o espanto.

De repente da calma fez-se o vento  
Que dos olhos desfez a última chama  
E da paixão fez-se o pressentimento  
E do momento imóvel fez-se o drama.

De repente, não mais que de repente  
Fez-se de triste o que se fez amante  
E de sozinho o que se fez contente.

Fez-se do amigo próximo o distante  
Fez-se da vida uma aventura errante  
De repente, não mais que de repente

Estamos diante de um soneto, trata-se de um poema composto por formas fixas, contendo catorze versos, rimados com sílabas paralelas, cujas dez sílabas poéticas coordenam o ritmo da leitura. Cabe ao professor mostrar esse material rítmico do soneto, mas que seja a de-

monstração por meio da leitura oral em voz alta. Necessário se faz também dizer que o sentido do soneto está para a sensibilidade do ouvinte e também do leitor. Mas percebe-se que neste campo do sensível encontra-se a universalidade, perpassa aí também o sentimento humano, que me parece ser o Amor.

Da mesma forma, quando lemos, por exemplo, o poema *Vou-me embora pra Pasárgada*, de Manuel Bandeira, o leitor compartilha do sentimento do eu lírico, porém vai mais além do que é sugerido no poema,

Vou-me embora pra Pasárgada  
Lá sou amigo do rei  
Lá tenho a mulher que eu quero  
Na cama que escolherei

Vou-me embora pra Pasárgada  
Vou-me embora pra Pasárgada  
Aqui eu não sou feliz  
Lá a existência é uma aventura  
De tal modo inconsequente  
Que Joana a Louca de Espanha  
Rainha e falsa demente  
Vem a ser contraparente  
Da nora que nunca tive

E como farei ginástica  
Andarei de bicicleta  
Montarei em burro brabo  
Subirei no pau-de-sebo  
Tomarei banhos de mar!  
E quando estiver cansado  
Deito na beira do rio  
Mando chamar a mãe-d'água  
Pra me contar as histórias  
Que no tempo de eu menino  
Rosa vinha me contar  
Vou-me embora pra Pasárgada

Em Pasárgada tem tudo  
É outra civilização  
Tem um processo seguro  
De impedir a concepção  
Tem telefone automático  
Tem alcaloide à vontade  
Tem prostitutas bonitas  
Para a gente namorar

E quando eu estiver mais triste  
Mas triste de não ter jeito  
Quando de noite me der  
Vontade de me matar  
— Lá sou amigo do rei —  
Terei a mulher que eu quero  
Na cama que escolherei  
Vou-me embora pra Pasárgada

Os versos de *Vou-me embora pra Pasárgada*, diferentemente dos versos de *Soneto de Separação*, não são rimados, mas trazem internamente as sílabas poéticas que lhe dão o ritmo e a musicalidade, apresentam-nos também a sensação do eu lírico. As estrofes não têm

formas fixas, são os versos livres. Como já foi dito, cabe ao professor e à professora o estudo do poema para gerar motivos sensíveis para o ou a estudante encontre-se na encenação do eu lírico. Será que a leitura coletiva dos estudantes em sala, deste poema, chegaria a perceber que a voz lírica ou o sujeito lírico deseja um escape para viver num lugar melhor, e fugir da realidade, quais seriam as causas deste devaneio? O que poderíamos chamar de inquietudes poéticas neste poema e terá mesmo uma função social a se destacar neste poema?

Desenvolver o hábito e o gosto pela leitura de poesia é interessante, mas ninguém gosta daquilo que não conhece e não tem familiaridade. Necessita-se, pois, mostrar poemas aos estudantes, fazê-los interagir com os textos poéticos, apresentar poetas clássicos e contemporâneos, o poema clássico, os poemas marginais. Lembrar do dia da poesia, criar varais com poemas dos estudantes, a idade deles na Educação básica é muito boa para a criatividade com a linguagem. Como já citei acima, e novamente retomo Roland Barthes quando diz “O texto que o senhor escreve tem de me dar prova de que ele me deseja. E esta prova existe, é a escritura” (BARTHES, 2006. p. 11).

A segunda questão me parece mais pertinente para o fazer pedagógico, ou seja, como desenvolver o hábito e o gosto pela leitura, e especialmente o gosto pela leitura de poema? Em partes anteriores tenho dito que é necessário mostrar o poema para o estudante, ele precisa ler o texto como o primeiro contato, conhecer a estrutura e o que diz o sujeito da enunciação, ou o sujeito lírico para ele. É muito importante a experiência do leitor durante a leitura do poema ou dos poemas e ou do texto sugerido, seja pela escolha do estudante, ou seja, pela discussão sobre literatura em sala de aula. Não se faz necessário aqui aprofundar na leitura do que Barthes nos diz sobre o Prazer do Texto, mas claro está que a relação com o texto tem mesmo que ser única do leitor. No caso do ensino da leitura deve sempre ser um exercício de calma, paciência e planejamento, sempre parte do Projeto Político Pedagógico da Escola, e do professor/da professora e especialmente. Como nos diz Carlos Drummond de Andrade (2007, p. 117):

Chega mais perto e contempla as palavras.  
E te pergunta, sem interesse pela resposta,  
pobre ou terrível, que lhe deres:  
Trouxeste a chave?

Nem sempre haverá a chave e nem sempre alçaremos as “mil faces secretas” da palavra escrita. Sabemos que a escritura está ali, ela existe, haveremos, pois, exercitar nosso hábito de ler para assim dar voz à fruição. Daqui em diante vou deixar o termo poesia e focalizar a expressão “poema” por se tratar do texto propriamente dito, considerando aqui a “poesia” como o conjunto de poemas. O poema, desde a sua ancestralidade, existe para ser declamado e ou cantado, porque se constitui de elementos como: a rima, o ritmo e outros elementos que lhe servem com musicalidade que leva ao ouvido do leitor o despertar da sensibilidade.

O poema exprime a subjetividade mais radical do ser humano (BOSI, 1977), tal valor estético reforça que no poema estão os sonhos, as inquietudes, os desejos e também a percepção sensível do homem que escreve, que também faz o leitor dar sentido à existência, pois segundo Alfredo Bosi, o poema transmite um sentimento básico da existência através das imagens, menos do que pelos conceitos. Ao referir-se às imagens, o autor quer nos fazer entender que um poema se compõe em sua maior parte pelas imagens, “as imagens das palavras”, ou como nos diz Drummond: “Cada uma tem mil faces secretas sob a face neutra”

(2007). Como ocorre na pintura, as palavras e seus sons levam o leitor à imaginação que o faz também criar o seu próprio quadro, seu próprio poema.

### **Poesia (é) resistência**

Quando leio poemas como estes acima, posso compreender a palavra resistência quanto ao conceito de poesia resistência (BOSI, 2015), este autor sugere que ao conceito de poesia resistência há mais de uma forma de resistência sendo a mais evidente a poesia de crítica social, de ataque, de sátira:

Às vezes o poeta entra muito dentro de si mesmo e sua forte carga subjetiva involuntariamente se opõe àquilo que é a prosa do mundo, a prosa ideológica. Não que ele faça uma proposta formal de ataque à sociedade, mas a sua linguagem é tão estranha e tão diferenciada em relação àquilo que é a linguagem ideologizada, ou a do senso comum, que ela se transforma em resistência. (BOSI, 2015)

Poesia resistência aqui entendida como aquele objeto que resiste às intempéries dos tempos e mantém-se viva, ainda que outros fantasmas o queiram engolir ou nele se incorporar para vender seus produtos, nisto que se refere a reflexão de Bosi:

Quanto à poesia, parece condenada a dizer apenas aqueles resíduos de paisagem, de memória e de sonho que a indústria cultural ainda não conseguiu manipular para vender. A propaganda só "libera" o que dá lucro: a imagem do sexo, por exemplo. Cativante: cativo... (1977, p. 143).

Como estou procurando discutir a leitura de poemas, de modo específico, a leitura de poemas na sala de aula, cujo foco é despertar o prazer de ler e ouvir leituras ou declamações de poemas, as apresentações de Bosi e Adorno muito contribuem para compreendermos as duas linhas de força: A Resistência e a questão "A poesia é ainda necessária?" Entendo como Resistência: "propriedade de um corpo que reage contra a ação de outro corpo" (HOUAISS, 2009), compreendendo-se inclusive esse "outro corpo" como metáfora das questões contemporâneas que vivem as escolas e vivemos todos nós neste contexto sócio-político-econômico, qual ou quais seriam as ferramentas didáticas e pedagógicas a serem usadas para que o leitor/estudante que a escola quer formar possa dizer nas atividades na sala de aula: este poema ou estes poemas me dão provas de que me desejam? (BARTES, 2004, p. 11). Compreender esse "outro corpo" é também uma tomada de consciência do fenômeno da efemeridade de um sistema que coloca o mercado de consumo acima de tudo. É ele hoje que nomeia os objetos, tudo vira produto e produto sem vida longa, tem que ser efêmero para que haja consumo.

Assim o professor também vive dentro deste corpo, é um membro dele, e também consumidor, dentro da sala, seu espaço é cobijado pelas mídias e pelos apps, como o conhecimento e o ato de aprender não acompanha a velocidade dessas novas ferramentas, este profissional muitas vezes é ignorado. Reporto-me novamente a Bosi (2015):

[Ler poema] é um exercício de autodomínio... como professor, você tem que alcançar esse autodomínio e encontrar, como um ator, uma entoação e uma forma. A entoação é a música da poesia: o metro, o ritmo, as pausas, enfim: é uma arte de ler, e acho que o professor precisa conquistá-la.

Essa orientação de Bosi aponta-nos a necessidade de conhecer o texto poético com o qual se pretende trabalhar, o poema se constitui de elementos linguísticos que organizam a sua leitura. Como disse o crítico, a leitura deve e precisa da entoação, do ritmo, das pausas.

Portanto exige estudo, planejamento do(s) objetivo(s) de leitura para que ela possa fruir. Um poema como *Catar Feijão*, de João Cabral de Melo Neto (1996, p. 38):

### Catar Feijão

1.

Catar feijão se limita com escrever:  
joga-se os grãos na água do alguidar  
e as palavras na folha de papel;  
e depois, joga-se fora o que boiar.  
Certo, toda palavra boiará no papel,  
água congelada, por chumbo seu verbo:  
pois para catar esse feijão, soprar nele,  
e jogar fora o leve e oco, palha e eco.

2.

Ora, nesse catar feijão entra um risco:  
o de que entre os grãos pesados entre  
um grão qualquer, pedra ou indigesto,  
um grão imastigável, de quebrar dente.  
Certo não, quando ao catar palavras:  
a pedra dá à frase seu grão mais vivo:  
obstrui a leitura fluviente, flutual,  
açula a atenção, isca-a como o risco.

exige do leitor conhecimento sobre sílabas átonas e tônicas dentro de um verso, número de sílabas de cada verso, a pontuação e a semântica, são alguns dos elementos que é preciso conhecer nos poemas. É necessário que o professor saiba ler o poema para ensinar o estudante a lê-lo; faz-se importante que o professor seja leitor de poemas, e mais, conheça o conjunto de poesias daquele autor que levará para a sala, deve conhecer o contexto em que o poema foi escrito e as sensações que o sujeito poético exterioriza no corpo do poema. No entanto, não é apenas isso, urge que o professor/leitor se prepare lendo o poema em voz alta para conhecer como os elementos linguísticos irão contribuir para que o poema dê provas aos ouvintes/leitores que lhes deseje as suas leituras. Segundo Bosi (2015, p. 8)

O professor tem que se preparar muito e ler muito em casa, em voz alta. Minha hipótese é que, lendo em voz alta, a pessoa já está intuindo a compreensão do poema. É mais do que voz alta, portanto: é interpretação em voz alta.

Aí está outro sentido da palavra Resistência. É muito comum o professor encontrar dificuldade, talvez por timidez, para ler um poema em voz alta para seus estudantes, esta resistência se estende também para eles, principalmente por vergonha de ser ouvido pelos colegas. Isso muitas vezes acontece porque nem sempre estamos acostumados a ouvir a nossa própria voz. Como já disse no início deste texto, algumas ferramentas didáticas auxiliam a quebrar essa resistência, como por exemplo, as rodas de conversas. Assentar-se em círculo é muito importante em turmas de jovens adolescentes, eles se veem, conversam e quebram o gelo. E, em círculo, estabelecidas as estratégias para a roda de conversa, neste espaço de leitura, as discussões fluem, pois, a linguagem de um poema envolve o imaginário, as experiências porque ela é carregada de polissemias.

As estratégias de ensino são muito importantes, deve-se levar em consideração o processo cognitivo e a faixa etária dos estudantes. O professor pode utilizar-se dos espaços internos da escola para o ensino da leitura que permita o trabalho em grupo ou em dupla, como pode



usar o recurso audiovisual. A atividade de leitura nos cobra criatividade na prática pedagógica, o que define isso é o objetivo, o que pretendo alcançar com meus alunos em tal atividade de leitura.

Bartolomeu tem uma narrativa, uma escrita “extremamente poética”, em uma carta (ROSCOE) enviada para a Alessandra para ser encaminhada às pessoas que “assinaram o manifesto e que fazem parte da enorme corrente pró-literatura em que se transformou o Movimento por um Brasil Literário ele escreveu:

Hoje, me vi pensando como seria viver em um país de leitores literários. [...] A leitura literária, a mim me parece, promove em nós um desejo delicado de ver democratizada a razão. Passamos a escutar e compreender que o singular de cada um — homens e mulheres — é que determina sua forma de relação. Todo sujeito guarda bem dentro de si um outro mundo possível. Pela leitura literária esse anseio ganha corpo.

Trazendo estas colocações para o campo da leitura de poemas, pergunto como seria viver em um país de leitores de poesias, mais ainda, a exclamação: como seria viver em um país de leitores de poemas! Bartolomeu, por um setor da crítica mineira, é considerado escritor de literatura infantil, sua escrita narrativa é extremamente poética e intensamente imagética, nela se encontram também as questões políticas e sociais.

### **Considerações finais**

É possível sim desenvolver o hábito de leitura literária e o hábito da leitura de poemas, desde que se faça planejamentos de leitura para cada texto, de modo especial à leitura de poemas, que se variem os recursos didáticos, que se criem espaços de discussão e de interação entre a Poesia e o leitor.

Não comentei no corpo do presente texto, mas se existe um ambiente que é *leitmotiv* de leituras e de leitura de poesia é a biblioteca. Não somente o espaço físico, mas o espaço humano. Livros, principalmente de poemas, precisam estar à vista, ao olhar dos estudantes, as capas precisam estar disponíveis aos leitores.

E principalmente os professores e as professoras precisam ser leitores de poemas, precisam conhecer poetas, precisam ter no seu memorial o prazer de ler poemas. Como lemos em Bosi, o professor tem que se preparar muito e ler muito em casa, em voz alta. Diria mais um pouco: ser leitor de poemas e de poetas. Cabe ainda ao professor conhecer o acervo de livros de poesia da biblioteca da escola em que atua.

À bibliotecária ou à auxiliar técnica da biblioteca cabe conhecer os gostos e hábitos de leituras dos estudantes, deve ainda perceber que os poetas e seus livros de poema podem não estar sendo procurado pelos e pelas estudantes.

À direção e à equipe pedagógica, a responsabilidade pelo diálogo constante com os professores sobre o ensino de leituras de poemas, conhecer e saber sobre o acervo de livros de poemas no acervo da bibliotecária. Cabe-lhe ainda o diagnóstico que apresente gráficos de leituras de poemas, espaços para apresentações de poemas.

A equipe — toda direção, pedagogas, professores, bibliotecários, família — é responsável pela formação de leitores de poemas.

## Referências bibliográficas

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia Completa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.
- ANDRESSEN, Sophia de Mello Breyner. [Poesia e Realidade](#). *Revista de artes e Letras*, nº 8. 1960. Acesso em: 26 jun. 2019.
- BANDEIRA, Manuel. *Bandeira a Vida Inteira*. Rio de Janeiro: Alumbramento, 1986.
- BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.1993.
- BARTHES, Roland. *O Prazer do Texto*. Tradução: J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo, Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, 1977.
- BOSI, Alfredo. [Poesia como resistência à ideologia dominante](#). [Entrevista]. *Revista Adusp* [S.l: s.n.], 2015. Acesso em: 07 jun. 2019.
- BOSI, Alfredo. A poesia é ainda necessária? In: BOSI, Alfredo. *Entre a literatura e a história*. São Paulo: Ed. 34, 2013.
- CANDIDO, Antonio. *Na Sala de Aula: Cadernos de análise literária*. 8. ed. São Paulo: Ática, 1984.
- CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- JAUSS, Hans Robert. A estética da recepção: colocações gerais. In: LIMA, Luiz Costa. *A Literatura e o leitor: textos de estéticas da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 43-61.
- MELO NETO, João Cabral de Melo. Catar Feijão. In: *Educação pela pedra*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1966.
- MORAES, Vinicius de. Soneto da Separação. *Poemas, Sonetos e Baladas*. São Paulo: Edições Gazeta, 1946.
- “RESISTÊNCIA”. *Dicionário Houaiss Eletrônico*. São Paulo: Objetiva, 2009.
- ROSCOE, Alessandra Pontes. [Carta do escritor Bartolomeu Campos de Queirós](#). s/d. Acesso em: 07 jun. 2019.
- T.S. ELIOT. (1991) *De poesias e de Poetas*. São Paulo: Braziliense, 1997.